

## PEGUEM O CELULAR PORQUE A AULA JÁ VAI COMEÇAR

Vanessa Villardi Pereira

SEEDF

### RESUMO

O uso de celulares nas escolas gerou questionamentos e integrá-los ao planejamento das aulas ainda tem sido um desafio. Considerando que esse aparelho nos permite a conexão e a interação na língua alvo com diversas manifestações artísticas e culturais, por que não o incorporar à educação presencial? Na imensidão do mar da internet, às vezes é difícil saber quais recursos utilizar rumo a um ensino contextualizado e significativo. Assim, a pesquisa em tecnologias digitais aplicadas ao ensino de línguas se torna contínua, em um movimento crítico-reflexivo de nossas escolhas pedagógicas. Neste trabalho apresento e discuto o uso do aplicativo *Paseo del Arte Imprescindible* não apenas como uma ferramenta, mas como um propulsor da resignificação da aula de espanhol em um centro de línguas público do Distrito Federal. Para isso, lanço mão das Tecnologias para o Empoderamento e a Participação (REIG, 2011; ALMENARA, 2015; ALBUQUERQUE COSTA e MAYRINK, 2017; MAYRINK, 2018) e do meu olhar como professora pesquisadora (BORTONI-RICARDO, 2008), entendendo que as tecnologias digitais, assim como a pesquisa em sala de aula, podem promover o empoderamento de professores e alunos.

**Palavras-chave:** tecnologias digitais, ensino de línguas, inovação, pesquisa, empoderamento.

### Introdução

O Projeto de Lei nº 2.246-A/2007 proíbe o uso de aparelhos celulares nas salas de aula das escolas brasileiras. Uma das justificativas para a criação do projeto é “assegurar a essência do ambiente escolar, onde a atenção do aluno deve estar integralmente direcionada aos estudos, na fixação do aprendizado passado pelos professores, sem que nada possa competir ou desviá-lo desse objetivo” (PL 2.246-A/2007). Cabem, então, os seguintes questionamentos: como o professor passa o aprendizado ao aluno? O celular compete com o professor?

Apoiado na concepção bancária de aprendizado como transmissão de conhecimento, ou na educação como um ato de “encher” os educandos de conteúdos” (FREIRE, 1974), o projeto de lei citado encontra na entrega de conhecimento o caminho para o aprendizado, como se fosse possível entregar o conhecimento. Paulo Freire, em suas sábias palavras, já afirmava em *Pedagogia do Oprimido* (1974), que a educação se dá entre professor e educandos em uma relação dialógica, mediatizados pelo mundo.

E o mundo pode estar a um clique de distância se, em nossa relação dialógica com o estudante, fazemos um acordo de como usar o aparelho celular em nossas



aulas. Assim, podemos refletir sobre como o uso do celular precisa ser repensado no ambiente escolar. Sabemos que o aparelho já é utilizado por professores e alunos em seu dia-a-dia escolar, entretanto seu uso para fins didáticos ainda é escasso.

O aparelho, de nenhuma maneira, compete com o professor humanizador, libertador. Pelo contrário, incentiva o educando a conectar-se com o mundo, transformá-lo e por ele ser transformado. Hoje em dia, negar o acesso do aluno às novas tecnologias é furtar-lhe o direito de fazer-se atuar na realidade. E, nessa concepção, virtualidade não se opõe à realidade. O virtual e o real têm uma relação intrínseca. Já não se pode pensar a realidade sem virtualidade e vice-versa. Para entender o mundo do qual fazemos parte e sobre o qual agimos cada vez mais precisamos de conexões físicas e de rede, sem fios, mas com laços que nos torne mais humanos. Com conexão à internet nossa ligação com o estudante também se expande, já que as novas mídias fazem parte da rotina dos jovens e dialogar com eles revela o verdadeiro poder da educação libertadora, na qual não se pode aceitar uma realidade pré-definida, pré-determinada de educandos passivos com respostas prontas, mas uma educação que problematiza a realidade e busca a ação de indivíduos sobre mundo.

### **As novas tecnologias integradas à aula de línguas**

As novas tecnologias, se utilizadas de forma inovadora, podem ser um meio de ressignificação da aula de língua estrangeira e não somente uma ferramenta de auxílio ao ensino. Quando são integradas ao currículo de maneira crítico-reflexiva, podem expandir os espaços de aprendizagem em “contextos autênticos de informação, comunicação e interação” (ALBUQUERQUE COSTA; MAYRINK, 2017, p.11). Dessa forma, considero que há inovação tecnológica no âmbito educacional quando as novas tecnologias são utilizadas para a promoção do empoderamento do aluno e do professor junto a um ensino centrado no aluno e na interação entre professor e aluno, favorecendo a agência deste.

Logo, as tecnologias passam a ser não somente da informação e comunicação (TIC) ou da aquisição do conhecimento (TAC), mas do empoderamento e da participação (TEP). Se concebemos as tecnologias no contexto educacional como TEP, “a aprendizagem não só tem uma dimensão individual, como também social, já que a formação implica aprender em comunidade e ser capaz de interagir e



colaborar para construir o conhecimento” (ALMENARA, 2015, p. 23, tradução própria). As Tecnologias de Empoderamento e Participação (TEP), termo cunhado por Reig (2011), apontam para um uso menos técnico das tecnologias e mais dialógico. Aplicando esse conceito à educação contemporânea, percebemos o nosso aluno não apenas como consumidor de informação, mas também como produtor. Os alunos interagem com a informação que recebem e participam da vida pública, tornando-se, assim mais ativos na sociedade.

O professor, nesse sentido, passa a ser um animador da inteligência coletiva, ou seja, ele incentiva a aprendizagem e o pensamento dos seus grupos de alunos:

A principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p.173)<sup>1</sup>

Além disso, o papel do professor é também de *designer* de espaços de aprendizagem (ALMENARA, 2015), considerando que as tecnologias têm um papel de mediadoras na aprendizagem em rede, na interação entre estudantes e sociedade. E a escola integra essas diferentes aprendizagens.

O uso das tecnologias como TEP ativa a agência do aluno, uma vez que desenvolve a sua consciência crítica e autonomia, por exemplo, quando ele escolhe seus itinerários de aprendizagem. Também ativa a agência do professor quando este desenha esses itinerários com uso de tecnologias. Román-Mendonza (2018) afirma que se o professor não empodera o aluno como sendo também um organizador da aprendizagem, também não vai contemplar o empoderamento do aluno ao implementar as tecnologias.

Para as pessoas que são pouco adeptas às tecnologias digitais, o seu uso nas salas de aula pode parecer uma jogada de *marketing* para atrair jovens alunos e pais ávidos por ter os filhos acompanhando o mercado que virá. Para os novos adeptos, as tecnologias podem dar uma nova aparência às velhas práticas, mas tratá-las como um meio de ressignificação pode soar exagerado. Por isso, vale

---

<sup>1</sup> Apesar de Pierre Lévy não trabalhar com o conceito de TEP, entendo que o professor como “animador da inteligência coletiva” também se aplica a esse contexto.



dizer que o uso de novas tecnologias em si não promove a ressignificação no ensino de línguas. O ensino ressignificado surge de práticas inovadoras, que coloquem a interação no centro do processo e conectem o saber do aluno com o do professor, podendo expandir-se com o uso de tecnologias.

Conforme Román-Mendonza (2018, p.1-2),

é necessário “aprender a aprender” e, o que às vezes é mais trabalhoso, “aprender a desaprender”. Isto não significa esquecer-se do que se sabe, mas sim propor-se todas as questões relativas à aprendizagem a partir de um novo ângulo, pondo em dúvida as crenças, ideologias e valores que, de forma consciente ou inconsciente, conformaram a nossa concepção da aprendizagem de segundas línguas (L2). (ROMÁN-MENDONZA, 2018, p. 1-2, tradução própria)<sup>2</sup>

Assim, é importante que problematizemos as nossas crenças, ideologias e valores a fim de rever a nossa concepção de aprendizagem de línguas. Para que o nosso fazer se ajuste ao nosso pensar é preciso atualizar-se constantemente, além de repensar sobre o nosso fazer pedagógico. Uma maneira de procurarmos entender a nossa prática e reinventá-la é tornando-nos professores/as pesquisadores/as, já que a sala de aula (física ou virtual) é um espaço privilegiado para a pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem. Para Bortoni-Ricardo (2008, p.33), o professor que também é pesquisador de sua própria prática pedagógica ou de outras com as quais convive, “estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos.” A autora complementa que esse tipo de professor “vai ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem”. Sabemos que o caminho para uma sociedade mais justa é a educação. Nós, como professores e professoras, ao pesquisarmos a nossa prática, observamos de perto o caminho pelo qual está trilhando a educação. Não com olhar de conformismo, mas de mudança em prol de um mundo melhor. Faz-se, então, necessária a investigação da própria prática para entendê-la e transformá-la.

---

<sup>2</sup> hay que “aprender a aprender” y, lo que a veces resulta más trabajoso, “aprender a desaprender”. Esto no significa olvidarse de lo que se sabe, sino plantearse todas las cuestiones relativas al aprendizaje desde un nuevo ángulo, poniendo en tela de juicio las creencias, ideologías y valores que, de forma consciente o inconsciente, han conformado nuestra concepción del aprendizaje de segundas lenguas (L2). (ROMÁN-MENDONZA, 2018, p. 1-2)



### **O aplicativo *Paseo del Arte Imprescindible***

Uma justificativa a favor do uso do celular em sala de aula é a conexão e a interação na língua estrangeira com diversas manifestações artísticas e culturais. E o aplicativo *Paseo del Arte Imprescindible* propicia isso. Esse *software* foi desenvolvido para promover três grandes museus de Madri: *Museo del Prado*, *Thyssen-Bornemisza* e *Reina Sofía*. Em cada um dos museus, permite que o usuário faça uma visita virtual a oito obras de arte com a descrição por escrito e audioguia. No *Museo del Prado* podemos apreciar a arte de Velázquez, Goya e outros pintores que pintaram para os reis da Espanha. No *Thyssen-Bornemisza* vemos obras do século XIII até finais do século XX. E no *Reina Sofía* estão expostas obras que compreendem o final do século XIX até a atualidade. Lá encontramos, por exemplo, obras de Picasso, Miró e Dalí.

### **Dos museus espanhóis aos museus dos alunos**

A seguir, apresento e discuto uma pesquisa feita na minha aula de língua espanhola em um centro de línguas público do Distrito Federal. A pesquisa foi realizada ao final de 2019 em aulas presenciais.

Primeiramente, pedi que os alunos baixassem em seus celulares o aplicativo *Paseo del Arte Imprescindible* previamente à aula e levassem fone de ouvido. Imprimi diversas obras expostas nos museus citados e coleí nas paredes da sala de aula. Em seguida, os alunos caminharam livremente pela sala e, com o fone de ouvido, ouviram a descrição dos quadros pelos quais tinham interesse.

Depois, houve uma interação estudantes-estudantes e estudantes-professora sobre as suas impressões. Em um questionário aplicado posteriormente, uma aluna disse ter sido muito boa a sua experiência com o aplicativo, pois “o app traz a explicação de cada quadro exposto, localização deles e tem a opção de ler ou escutar um áudio com o auxílio dos fones de ouvido para não incomodar as outras pessoas que estejam fazendo o *tour*.” É interessante notar que a aluna se sentiu de fato fazendo um *tour* e, em atividades como essas, os alunos têm a oportunidade de “viajar” dentro da escola, de se sentir em outro país sem sair dele. Estudar uma língua estrangeira, muitas vezes, tem relação com a realização de sonhos, de sonhar em conhecer outros povos e culturas. E as tecnologias podem nos aproximar de



diferentes realidades, levando-nos a uma certa imersão linguístico-cultural ao navegar por mares que utilizam a língua que estudamos e ensinamos.

Ao descrever e avaliar a aula na qual foi utilizado o aplicativo *Paseo del Arte Imprescindible*, a mesma aluna afirma que:

a aula foi interativa, divertida e instrutiva, escutamos os áudios e lemos as descrições ao nosso tempo, tive mais tranquilidade ao poder escolher o quadro que me interessava, logo após fizemos uma discussão de cada um e foi muito bom porque um detalhe que não tinha notado num quadro um colega o tinha notado e pude também aprender com a turma, não somente com o aplicativo. Nesse modelo de aula podemos aprender tanto a nossa compreensão textual, quanto auditiva e, ao fim, tive a oportunidade de trabalhar a oralidade, muito importante para um curso de línguas. (resposta de uma aluna à pergunta “Como você descreve e avalia a aula na qual foi utilizado o aplicativo *Paseo del Arte Imprescindible*?”)

Observemos que a aluna apontou aspectos que são esperados em uma aula com abordagem sociointeracionista: a interação, o aprender com o outro. Além disso, vemos que essa proposta confere à aula uma atividade bem próxima do real, já que ir a um museu normalmente demanda as ações: estar de pé, ler ou ouvir explicações, refletir sobre diversas obras. A língua, então, é prática social que permeia as relações humanas. Vale destacar que a aluna diz ter tido mais tranquilidade para escolher o quadro que lhe interessava, o que me chamou a atenção para o fato de como os professores muitas vezes estamos em um ritmo acelerado em busca de cumprir conteúdos pré-estabelecidos pela instituição de ensino ou livro didático e não nos damos conta de que o aluno tem o próprio ritmo de adquirir conhecimento em seu processo de aprendizagem. O professor é responsável por mediar e favorecer esse processo, desenhando os espaços de aprendizagem e animando a inteligência coletiva dos estudantes.

Durante a discussão sobre as obras, perguntei a um grupo de alunos do que sentiam falta na exposição. Meu intuito, naquele momento, era de saber se eu havia selecionado obras da preferência deles. Então, uma aluna disse que havia sentido falta de obras de artistas negros. Nesse momento, propus a eles que fizessem uma exposição com a temática “consciência negra”. Após pesquisa, esse grupo de alunos expôs no corredor de entrada da escola uma série de imagens de diversas personalidades negras, em especial a mulheres negras, e gravaram áudios explicando-as.



Outro grupo de estudantes decidiu fazer um museu de curiosidades e expôs, na sala de aula, diversas imagens e vídeos sobre fatos pelos quais eles tinham curiosidade, tais como o surgimento do dinheiro e da série de jogos de simulação social *The Sims*. Os estudantes desse grupo também gravaram áudios explicando as imagens expostas.

### **Considerações finais**

O uso de aparelhos celulares na sala de aula pode ser um caminho para a ressignificação do fazer pedagógico em língua espanhola, desde que sejamos críticos com relação à nossa própria prática e nos façamos as seguintes perguntas: estamos, de fato, inovando a nossa prática, promovendo o engajamento do/a estudante? Estamos promovendo a discussão e a reflexão em sala de aula? Neste trabalho vimos um pouco da teoria e da aplicação das Tecnologias de Empoderamento e Participação (TEP) e demonstrei como o nosso trabalho, ou seja, o do/a professor/a, pode ganhar força quando sabemos as nossas intenções ao integrar as novas tecnologias ao nosso fazer pedagógico. Se nossa intenção é que o aluno seja ativo no processo de aprender língua, a escolha da tecnologia e das atividades desenvolvidas com ela precisam promover isso. Se acreditamos que a interação e a colaboração podem contribuir para a inteligência do grupo, é interessante criarmos espaços para que isso aconteça. Se queremos que os alunos estudem a língua de maneira mais significativa para a sua vida e a vida em sociedade, precisamos cada vez mais incentivá-los a organizar a sua aprendizagem.

Para tanto, é indispensável dar-lhes voz. Voz para falar melhor a língua que estão experienciando, emitir opiniões, perguntar e responder, errar e acertar, transformar o individual e o social. Quando buscamos um ensino dialógico, descobrimos como podemos aprender ao ensinar e como os alunos podem aprender uns com os outros. A partir dessa perspectiva, usamos as novas tecnologias para mediar um ensino menos mecânico e mais flexível e humanizador, de gente que ensina gente, e que lança mão de recursos em prol de uma melhor experiência na e com a língua.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE-COSTA; MAYRINK. Ensino Presencial e virtual em sintonia na formação em línguas estrangeiras. *The ESpecialist: Descrição, ensino e aprendizagem*, vol. 38. nº 1. 2017.

ALMENARA, J. C. *Reflexiones educativas sobre las tecnologías de la información y la comunicación (TIC)*. In: *Tecnología, Ciencia y educación, mayo-agosto, 2015*, p.18-27. Disponível em: <http://tecnologia-ciencia-educacion.com/index.php/TCE/article/view/27>. Acesso em 10/10/20.

BORTONI-RICARDO, S. M. O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1974].

LÉVY, P. *Cibercultura*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, [1999] 2014.

MAYRINK, M. F. Resignificando as TIC como Tecnologias para a Aprendizagem e o Conhecimento (TAC) e para o Empoderamento e a Participação (TEP). In: ROCHA, N. A.; RODRIGUES, T.; CALAVARI, S. M. *Novas práticas em pesquisa sobre a linguagem: rompendo fronteiras*. São Paulo: SP, Cultura Acadêmica, 2018.

Projeto de Lei nº 2.246-A/2007. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=517286#:~:text=p%C3%BAblicas%20no%20Pa%C3%ADs.-,Art.,nas%20escolas%20p%C3%BAblicas%20no%20Pa%C3%ADs](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286#:~:text=p%C3%BAblicas%20no%20Pa%C3%ADs.-,Art.,nas%20escolas%20p%C3%BAblicas%20no%20Pa%C3%ADs). Acesso em: 25/10/2020.

REIG, D. *TIC, TAC, TEP y el 15 de octubre*. 2011. Disponível em: <https://www.dreig.eu/caparazon>. Acesso em 27/10/2020.

ROMÁN-MENDOZA, E. *Aprender a aprender en la era digital: Tecnopedagogía crítica para la enseñanza del español LE/L2*. New York, Routledge, 2018.

SEVILLA, H.; TARASOW, F.; LUNA, M. *Educación en la era digital*. Guadalajara: Pandora, 2017.

